

**Estrelando o Theatro Nicodemus de Joinville:
trajetórias iniciais de um patrimônio em meio a reverberações memoriais**

Christiane Heloisa KALB*

Maria Bernardete Ramos FLORES*

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar como a identidade germânica perpassou por diferentes formas pela história do Theatro Nicodemus e também pela urbe joinvilense, especialmente analisando a época de sua inauguração, 1917. Este estudo é um recorte da Tese de Doutorado desenvolvido no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, da UFSC; onde realizei pesquisas junto ao Arquivo Histórico de Joinville, em jornais locais. Também analisei para este estudo entrevistas realizadas em 2001 por estudantes de História da Universidade da Região de Joinville (Univille) que estão arquivadas junto ao Laboratório de História Oral (LHO) da instituição, dentre outras entrevistas ali guardadas. Esses relatos estão também completamente transcritos e arquivados junto ao Processo de Tombamento ocorrido em 2003 do edifício do Theatro Nicodemus, na Secult – Secretaria de Cultura e Turismo. Por ora, conclui-se que esta análise pode auxiliar no entendimento da trajetória deste edifício e de outros cinemas e suas memórias urbanas.

Palavras-Chave: Identidade. Theatro Nicodemus. Joinville. Memória urbana. Território.

**Staring Joinville Theater Nicodemus: initial patterns of an heritage in the middle of
memorials reverberations**

Abstract: The aim of this study is to analyze how the German identity was different in The Nicodemus Theater's history and also in the city of Joinville, especially analyzing the time of its inauguration, 1917. This study is a cut of the PhD Dissertation developed in the Interdisciplinary Program in Human Sciences, UFSC; Where I carried out researches at the Historical Archive of Joinville in local newspapers. I also analyzed for this study interviews conducted in 2001 by History's students of the University of the Region of Joinville (Univille), that are filed in the Laboratory of Oral History (LHO) of the institution, among other interviews

* Professora Doutora - Departamento de Direito e colaboradora do curso de Direito e de Tecnologia em Marketing – Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina (CESUSC), Florianópolis, Brasil. SC-401, n. 9301 - Santo Antonio de Lisboa, - SC, 88050-001 – Florianópolis, SC.

* Professora Doutora - Titular do Departamento de História - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900, Florianópolis, Brasil.

stored there. These reports are also completely transcribed and filed with the 2003 Culture Heritage Declaration Process of the Nicodemus Theater, at the Secult - Culture and Tourism Secretary. For now, it is concluded that this analysis can help in understanding the trajectory of this building and other cinemas and their urban memories.

Keywords: Identity. Nicodemus Theater. Joinville. Urban memory. Territory.

Introdução

O edifício do Theatro Nicodemus, nomeado na década de 1940 de Cine Palácio e hoje utilizado pela Igreja Universal do Reino de Deus, possui uma trajetória histórica em ressonância com a vida da cidade de Joinville, município localizado no nordeste catarinense, com 166 anos completados em 2017. Tal edifício faz parte desta história, uma vez que soma 100 anos de sua inauguração.

Neste estudo que se inicia, busco descrever como a identidade alemã/germânica¹ perpassou de diferentes formas pela história do Theatro Nicodemus e também pela urbe joinvilense, especialmente analisando a época de sua inauguração em 1917. Esses grupos de pessoas que fundou a cidade durante as guerras tiveram sua identidade negada, mas, anos depois, essa mesma identidade passou a ser exaltada, como temos visto nas festas de outubro² (desde a década de 1980), nas vestimentas, nas comidas típicas e na arquitetura. Essas pessoas também auxiliaram para que o tombamento do teatro, que mais tarde vai se chamar Cine Palácio se efetivasse em 2003 e a forma construtiva da cidade por meio das técnicas teuto-brasileiras se perpetuassem. Logo, pensar os deslocamentos que esta identidade alemã/germânica sofreu ao longo da história da cidade, tendo o edifício do Theatro Nicodemus /Cine Palácio como um lugar ou um caso a ser analisado dentro do espaço urbano, é o tema preponderante deste artigo.

O Theatro Nicodemus foi inaugurado em 1917 e na época Joinville era habitada por pessoas que eram, em sua maioria, de acordo com as estatísticas numéricas daquele momento realizados pelos próprios administradores da Colônia, imigrantes europeus que chegaram à cidade a partir de 1851, ano de sua fundação, vindos de países mais industrializados (COELHO, 2011; FICKER, 2008; GUEDES, 2005; NIEHUES, 2000). Isso não significa que na cidade não existiam outros, como os 'bugres', como eram chamados os indígenas ou outras pessoas advindas de outras descendências que não europeias. Estes imigrantes³ germânicos, em grande parte, apesar de serem do campo, foram expulsos dele pela modernização que o desenvolvimento do capitalismo na Europa vinha gerando. Os imigrantes eram considerados um excedente populacional, e entre eles, além dos camponeses, havia cidadãos, trabalhadores politizados que trouxeram ideias socialistas e

anarquistas. Também entre estes imigrantes chegaram meus antepassados da linha materna, da família Timm. Meus parentes do lado paterno são também descendentes de alemães, mas migraram do estado do Rio Grande do Sul para Joinville na década de 1970, motivados pela leva de contratações e expansão industrial.

Alguns destes imigrantes europeus eram oriundos de famílias ricas que criaram fábricas e pequenos negócios. Outros imigrantes trabalharam como operários e trabalhadores e também fizeram parte da construção da cidade recém colonizada. Logo, a vida urbana se instaurava e se desenvolvia, e o edifício do Theatro Nicodemus é parte dessa construção da cidade, tanto sob o ponto de vista arquitetônico quanto político e, por que não falar, da memória afetiva relacionada ao local.

Para entender o que vinha se passando em Joinville durante 1917, ano de inauguração do Theatro Nicodemus, realizei pesquisa documental que é parte integrante da Tese de Doutorado que defendi em fevereiro último (Autora, 2017), desenvolvido no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas, da UFSC; junto ao Arquivo Histórico de Joinville, no primeiro semestre de 2015, no *Kölonie Zeitung* (Jornal da Colônia, na tradução literal), que era publicado em alemão em edições bissemanais, e no jornal *Actualidade*. É importante destacar que nessa biografia histórico-cultural não foi apenas analisado o que se passava no Theatro Nicodemus (mais tarde Cine Palácio) e em seu entorno, mas também foi verificado que há referências a outros cinemas de rua ou itinerantes que existiram na cidade, em praças ou outros locais marcantes para a urbe. O Theatro Nicodemus não ‘reinou’ sozinho na cidade de Joinville.

Também analisei as entrevistas realizadas em 2001 pelos estudantes do primeiro ano do curso de graduação em História da Universidade da Região de Joinville (Univille) que estão arquivadas junto ao Laboratório de História Oral (LHO) da instituição, dentre outras entrevistas ali guardadas. Esses relatos de 2001 estão também completamente transcritos e arquivados junto ao Processo de Tombamento do edifício do Theatro Nicodemus/Cine Palácio, na Secult – Secretaria de Cultura e Turismo (extinta Fundação Cultural de Joinville). Colhi ainda algumas entrevistas em 2016 com funcionários da extinta Fundação Cultural de Joinville, quando ainda vigente e com membros da Comissão de Patrimônio (Comphaan) da cidade, que puderam auxiliar a entender a trajetória deste edifício e de outros cinemas e suas memórias urbanas.

É importante salientar que as entrevistas realizadas pelos estudantes de História foram reinterpretadas, uma vez que foram colhidas em 2001, quando ainda não havia nenhum caso de tombamento em nível municipal. Por isso, questionar algumas circunstâncias sobre estas entrevistas e sobre o período pesquisado é de suma importância para entender o processo de construção do Theatro Nicodemus. Pergunto-me, portanto: o

que vinha ocorrendo na cidade de Joinville na época da inauguração do Theatro Nicodemus? Os acontecimentos relacionados à Primeira Guerra Mundial influenciaram de alguma forma a vida da cidade? Como? O que a imprensa local noticiava?

1 O criador do Theatro: Francisco Nicodemus

O edifício do Theatro Nicodemus, que mais tarde vem a se chamar Cine Palácio, está localizado no centro de Joinville, na Rua XV de Novembro, esquina com a Rua Dona Francisca, que fica em frente à Praça da Bandeira, o ‘coração’ da cidade. A sua construção surgiu da iniciativa privada, quando a urbe joinvilense estava despontando. A empresa responsável pelo projeto de 11.675 m² foi a Keller e Cia Ltda., e a obra foi executada e patrocinada por Francisco Nicodemus, primeiro empreiteiro de obras de Joinville (FICKER, 2008; GUEDES, 2001). A ideia do empreendimento de Francisco Nicodemus surgiu do acúmulo de patrimônio no início do século passado, por meio da instalação dos trilhos pelos quais corria o bonde que transportava passageiros pelo centro da cidade de Joinville. Antes de iniciar o empreendimento, Nicodemus requereu à Câmara de Vereadores a licença para a construção da edificação imponente, que foi de clara utilidade pública pelo fato de ter sido originariamente projetada para abrigar o *Theatro Municipal*.

Nicodemus era de família alemã e detinha muita influência nas construções da cidade. Guedes (2001, p. 29) afirma que o idealizador e proprietário do edifício conseguiu, na época da construção, junto à Prefeitura, isenção de impostos durante a construção da edificação, pois além de alegar em seu requerimento que o Theatro Nicodemus seria de uso e gozo de utilidade pública, essa concessão, muito provavelmente, também foi deferida em razão da influência que Francisco Nicodemus tinha na cidade. Ele participava ativamente da ACIJ (Associação Empresarial de Joinville), na qual foi um dos fundadores e fazia parte das decisões que se tomavam em Joinville em relação ao comércio e à indústria, pois era também considerado um dos maiores geradores de tributos para a Prefeitura. Embora tivesse recebido a isenção dos impostos relacionados à construção do teatro, a empresa que o administrava cobraria ingresso para os espetáculos, como qualquer empresa de entretenimento.

Os irmãos Max Paulo Keller e Friedrich Georg Keller, projetistas do edifício do teatro, eram arquitetos formados na Alemanha e foram responsáveis por diversas obras importantes de Joinville. Eles trouxeram novas perspectivas arquitetônicas da Europa para a cidade catarinense. Alguns dos projetos que os irmãos Keller elaboraram foram a ampliação da adutora de Águas Motucas, a sinalização do canal de navegação entre São Francisco do Sul e Joinville e a ampliação da usina hidroelétrica do Bracinho, além de terem executado a

construção de indústrias, cálculos de chaminés e fornalhas, edifícios, escolas, igrejas e obras públicas (AHJ, 2013). Sem contar ainda a participação nas obras de restauro em edifícios antigos, especialmente na década de 1960. Tudo isso foi importante mencionar para que fique claro a influência do empresário Nicodemus e também dos arquitetos Keller, na construção da cidade.

A figura 1 mostra a imponência do edifício, construído e inaugurado em 1917. Na fachada, próximo à cumeeira, havia a seguinte inscrição: THEATRO NICODEMUS, a data de 1917, ano de sua inauguração, e, ao centro do triângulo, a imagem de uma lira, que representava uma atividade cultural, primordialmente, a música.



Figura 1: Cine Palácio. Notam-se as inscrições “1917 Theatro Nicodemus” e o desenho de uma lira no centro, representando a música.

Fonte: Arquivo Histórico de Joinville. Envelope: Sociedades, cinemas, teatros e clubes, n. 144, 2015.

Na figura 1 vê-se o Theatro Nicodemus no ano de sua inauguração, sem qualquer edificação em seu entorno. À sua volta, apenas uma cerca de madeira de aproximadamente um metro de altura, preservando a entrada do teatro por entre uma das quatro colunas, após subir os quatro degraus de escada. O edifício possuía janelas por todo o seu redor, preservando, assim, a ventilação de ar. Além de simétrico em sua estrutura arquitetônica, as janelas do prédio, na parte térrea, também eram regulares, mas diferenciadas das janelas do corpo principal do prédio por serem em arco. O edifício apresentava imponentes colunas com elementos repetidos e espelhados como as aberturas, com características marcantes de estilo neoclássico.

Munarim (2009)⁴ afirma, em seu estudo, que a arquitetura dos edifícios de cinema ou teatro tinha o objetivo de chamar a atenção nos centros onde estavam estabelecidos. Por isso, o expoente moderno que retratavam era de tanta glória e majestade. Afinal, o edifício do teatro era singular, pois diferia das residências e dos comércios construídos desde meados do século XIX, que possuíam uma técnica construtiva de característica teuto-brasileira.

No interior do edifício do Theatro Nicodemus, nas palavras de Annelise Mokross (2001), neta de Germano Stein, importante comerciante da cidade do início do século XX, havia “[...] um vão aberto, tinha a galeria para sentar em cima e ver o filme de cima também. Tinha os elevados, quer dizer, eram muito bem distribuídos, porque as cabeças não chegam a atrapalhar umas às outras, devido à inclinação do chão. A tela era visível a todos os espectadores [...]” [informação verbal]⁵.

No mesmo sentido, Tirone Meier (2001) lembra que para entrar no cinema “[...] havia um acesso único, uma subida única [...] uma escadaria única, que dava acesso à parte interna do cinema, ao auditório, por assim dizer [...] Naquela época [1940] era uma tela muito grande e as cadeiras eram todas de madeira. Não havia luxo nenhum.” [informação verbal]⁶. Apesar das memórias de Annelise Mokross e Tirone Meier serem de tempos diferentes, pelo que observei na pesquisa junto ao Arquivo Histórico de Joinville, a arquitetura interna do prédio pouco se modificou até a década de 1960. Mais à frente, quando há a concorrência do Theatro Nicodemus com outros cinemas, há referência em arquivos e fotografias registradas no Arquivo Histórico de Joinville a obras e melhorias realizadas dentro do edifício.

Na figura 2 observa-se, então, a parte interna do Theatro, em meados dos anos 1920 – com a exata descrição lembrada pelos entrevistados. A legenda da imagem retirada da Revista Ilustrada, “Um instantâneo do esplêndido Teatro Nicodemus de Joinville” inspirou parte do título da tese, que serviu também de inspiração para este artigo.



Figura 2: Theatro Nicodemus apresenta a parte posterior do salão, vista das proximidades do palco para a entrada do grande salão, no período após sua inauguração, em 1920.
Fonte: Datada de 1920, foi publicada na “Revista Ilustrada”, em Florianópolis (SC). Pesquisa e reprodução da imagem por Brigitte Brandenburg, de Joinville (SC).

Como bem descreveram os relatos acima, havia um grande salão com um único vão entre as cadeiras, que eram de madeira. Na parte superior, em forma de U, havia o que era uma espécie de camarote. No total, o edifício comportava até mil pessoas, o que era impressionante para a época de sua inauguração, quando a cidade contava com pouco mais de 20 mil habitantes.

O edifício do cine foi pensado e construído com o ideal de representar o progresso. O anseio representativo da modernidade, especialmente no início do século XX, pois era o desejo daquela época. Mais do que uma construção paradigmática, era descrita como uma obra de arte, representativa da sociabilidade do moderno modo de vida urbana. Não foi à toa a escolha da técnica construtiva e do formato do edifício. É na imponência do teatro, que se tornou cinema, que se vê em meio ao grande gramado do centro da cidade (fig. 1) o símbolo do monumento moderno.

O empreiteiro Francisco Nicodemus foi autor de diversas obras em Joinville, como o Clube Joinville, que era uma sociedade de eventos e encontros e, atualmente, abriga a Casa Sofia, que é uma loja de tecidos localizada à Rua do Príncipe, 536, além do próprio Theatro Nicodemus. Uma das importantes obras que ele executou foi a construção das estradas para os bondes passarem, como mencionado no início desse irem, que lhe deu

subsídio para construir o Theatro Nicodemus, que inicialmente tinha a intenção de ser um Teatro Municipal. Na figura 3, vê-se o Sr. Nicodemus de terno e chapéu escuro na Rua do Príncipe, no centro da cidade.



Figura 3 e 4: Rua do Príncipe, Joinville (SC). 1910. E Rua do Príncipe. Joinville (SC). [1910?].
Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville. Rua do Príncipe. “Esquina com a Rua Princesa Isabel. O serviço dos bondes foi inaugurado em 29/01/1911 e foi até 1917”. E Rua do Príncipe. “Colocação de trilhos dos bondinhos puxados a burro. Vê-se Francisco Nicodemus (terno escuro e chapéu) fiscalizando as obras. Na esquerda, Relojoaria Müller. Na direita, no sobrado ficava o Escritório de A. Batista & Cia, onde depois funcionou o Banco do Brasil S.A.”, 2015.

Nicodemus foi um construtor importante para a cidade e juntamente com os irmãos Keller, levantou o maior edifício em metragem quadrada da época. Nada obstante, as décadas de 1910 e 1920 foram significativas para Joinville não somente em razão da inauguração do Theatro Nicodemus, mas por muitos acontecimentos que se desenrolaram na região e, por que não dizer, no mundo, vindo a influenciar as memórias urbanas da cidade, o que se analisará a seguir.

2 Às vésperas da estreia

Os anúncios dos filmes exibidos nos cinemas da região e as notícias publicadas nos jornais *Kölonie Zeitung* e *Actualidade* são as duas fontes centrais deste item, entrecruzadas por outras fontes, como as entrevistas e os aportes teóricos. A imprensa de Joinville, a partir das publicações em seus jornais locais, sempre foi uma vitrine dos acontecimentos da cidade. Entre avisos de uma guerra longínqua, disputas partidárias nos centros do país e anúncios de remédios para o clima de verão, nos jornais *Kölonie Zeitung* e *Actualidade* era possível encontrar a programação dos cinemas, alguns ainda ambulantes na cidade. O *Kölonie Zeitung* era publicado e distribuído em Joinville e também enviado para algumas cidades alemãs.

Até o início do século XX, antes da inauguração do Theatro Nicodemus, que mais tarde transformara-se no Cine Palácio, existiam alguns teatros, ainda que ambulantes, para entreter a população da cidade e região. Eles eram improvisados com tábuas resistentes sobre cavaletes baixos e as peças eram, normalmente, encenadas em alemão (HERKENHOFF, 1989). O Congresso Joinvilense (ou Clube Joinville, idealizado pelo empreiteiro Nicodemus), o Clube União, o Clube Republicano, o *Zum Guten Abend* (Para uma boa noite, tradução literal) e a *Harmonie-Gesellschaft* (Sociedade Harmonia, tradução literal) eram alguns dos clubes de encontros culturais, “[...] locais que tinham um caráter não só cultural e esportivo, mas que também exerciam influência sobre as relações sociais e econômicas dos colonos teuto-brasileiros.”, conforme Flores (1997, p. 40).

Normalmente, esses clubes, também chamados de sociedades ou *verein*, apenas eram frequentados por seus sócios pagantes. De certa forma, essas sociedades, além de reafirmarem “[...] valores culturais julgados peculiares ao povo alemão, valorizavam as pessoas como forma de lembrar-se da pátria mãe.” (SEYFERTH, 1981, p. 153) e, desse modo, eram um meio de segregação, assim como era a divisão da habitação das primeiras ruas de Joinville. Afinal, eram ocupadas por iguais. Por exemplo: as ruas ao norte do Centro foram ocupadas por noruegueses e dinamarqueses, incluindo aí meus antepassados da família Timm; as ruas ao sul foram destinadas aos alemães; e o Caminho do Meio – *Mittelweg* – foi destinado aos suíços (Jornal A Notícia, 19 jul. 1998) – hoje, conhecido por Rua XV de Novembro. Isso também se refletia nas sociedades estabelecidas nas regiões da cidade, que via de regra, eram frequentadas pelos moradores locais⁷.

No caso do teatro, que veio a ser inaugurado em 1917, além de ser um local onde observa-se a lógica segregacionista, possibilita verificar-se uma ideia de distinção. Afinal, aquele espaço também só era frequentado por quem possuía condições para tanto. Mais do que analisar condições financeiras e, portanto, capital econômico, Bourdieu (2007) ajuda a pensar essa questão trabalhando com a categoria *distinção social*⁸ como ferramenta de exclusão, a partir do capital cultural que advém da família e da escola que se frequenta. A noção de sangue, ou seja, a herança familiar faz com que haja hierarquias sociais que reproduzem socialmente algumas manifestações. O teatro, como uma forma de manifestação artística ou cotidiana, traduz-se no que o sociólogo francês vai chamar de *gosto*. Esse gosto pelo teatro é socialmente construído e, por isso, era um lugar de demarcação distintiva e de segregação social.

Os teatros musicais frequentados pelos habitantes de Joinville eram o Guarani (que mais tarde se tornou o Cine Guarani), o 28 de Setembro e a Lyra, hoje chamada de Harmonia Lyra, ainda em funcionamento para espetáculos culturais. Estes teatros, no entanto, eram frequentados por todos os que podiam pagar pela entrada do espetáculo,

diferentemente das sociedades e dos clubes. Percebe-se, assim, a importância dos salões e das sociedades para as apresentações teatrais, organizações de bailes e concertos.

O *Kölonie Zeitung* publicava em todas as suas edições as sessões de cinema. Um deles era o *Cinema Fazenda*, único cinema instalado dentro de um clube até o início do ano de 1917, enquanto o *Cinema Floresta*, ficava na Rua Nove de Março (fig. 4, abaixo), no centro da cidade. Junto à propaganda, os cinemas sempre faziam uma pequena sinopse da história e do valor que deveria ser pago pela sessão para assisti-la.



Figura 5: Cine Floresta. Casa do centro da imagem - ao fundo, vê-se a Rua das Palmeiras, 1912.

Fonte: Arquivo Histórico de Joinville, 2015.

“O cinema era a sensação e o mais novo símbolo da modernidade”, conclui Guedes (2001, p. 27). Com o cinema, surgia uma nova percepção de mundo, um mundo em movimento, que mostrava formas e coisas que nunca tinham sido vistas até então. Nesse sentido, na era da reprodutividade técnica da arte, Walter Benjamin (2000) vai dizer que o cinema fascinava e era uma das grandes atrações para o homem moderno do início do século XX. A exposição da obra e a sua possibilidade de duplicação servem para que homens e mulheres exercitem suas percepções e reações exigidas pelo aparelho técnico. Fazer do gigantesco aparelho técnico daquele tempo o objeto das inervações humanas é a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido. “Esses dois processos [fotografia e cinema] resultam num violento abalo da tradição.” (BENJAMIN, 2000, p. 168).

Afinal, com a reprodução técnica, há uma aproximação entre os indivíduos com as obras de arte, mesmo daqueles que eram operários e que nunca tiveram o contato com o que se chamaria de arte erudita. Por isso, para o filósofo alemão, a era da reprodutividade é positiva, já que com ela há a democratização da arte, com coisas novas, novos usos, novas

fruições, em que finalmente todos puderam usufruir da arte por meio do cinema. A sensação de celeridade que a tela trazia era a marca moderna da sétima arte (BENJAMIN, 2000).

3 Um enredo: silêncio e perseguição na cidade alemã

Mas não só de exibição de filmes, concertos, práticas religiosas⁹ e lazeres associativistas vivia a cidade de Joinville. Os meses anteriores à inauguração do Theatro Nicodemus foram um período bastante conturbado, com diversos pedidos de alistamento militar para realmente agir e defender o país em guerra. Na verdade, o mundo estava na 1ª Grande Guerra mundial. Era uma época de incertezas, na qual os jornais expunham o inconveniente de ter e ser filho de alemães. Isso numa terra onde praticamente só se falava alemão e que, a partir da entrada do Brasil no confronto, seus moradores foram obrigados a não mais falar a língua alemã em locais públicos. Os encontros nas sociedades e nos clubes eram alguns dos únicos refúgios seguros, contando com suas residências, onde ainda se mantinha a tradição e a língua alemãs e seus dialetos.

A família Nicodemus, por ser descendente de alemães, também sofreu com as consequências da guerra. O empreiteiro e proprietário do teatro, Francisco Nicodemus, apesar de influente na cidade, especialmente por participar de um dos grupos mais elitizados de Joinville, a ACIJ, suportou o preconceito vivido pelos alemães, tanto que anos mais tarde decidiu vender seu maior empreendimento, o Theatro Nicodemus, para a família Van Biene. Durante a guerra, o teatro e também cinema não participou como agente de exclusão, pois as exibições e os espetáculos continuaram a ocorrer cotidianamente, sem maiores interrupções, a não ser com algumas demoras na chegada das fitas, em razão dos bloqueios das importações, e com as revistas internas que ocorriam em alguns dias dentro do teatro. O cine participou desse processo, no entanto, de forma indireta, sofrendo, assim, com a exclusão e a perseguição dos alemães.

Lembro que minha bisavó materna, Edith Timm, nascida em 1906, rememorava vez ou outra o sentimento de medo que experimentava durante a Primeira Guerra, quando havia perseguição aos alemães, aos que falavam a língua alemã e a seus filhos e netos. Todos eles se escondiam em porões ou nos sótãos das casas, junto a seus livros, todos escritos em alemão, até que alguém os avisasse que poderiam sair.

A língua alemã motivou as perseguições, que em Joinville eram realizadas pelo 13º Batalhão de Caçadores (13 B.C.), atualmente 62º Batalhão de Infantaria (62 B.I). Apesar de essas pessoas sentirem o país e a cidade como seus, vários deles, após o fim do estado de sítio declarado no ano de 1918, requereram a nacionalidade brasileira¹⁰, abdicando da alemã. Não saberia dizer se tais pedidos foram gerados por receio de uma nova guerra ou

de novas perseguições, que realmente vieram a acontecer décadas mais tarde, ou se por não se reconhecerem mais como alemães.

Nos interstícios prévios da inauguração do Theatro Nicodemus, conhecido mais tarde por Cine Palácio, o mundo estava em guerra. No dia 6 de novembro de 1917, foi noticiado no jornal *Actualidade* o estado de guerra declarado entre Brasil e Alemanha. Na mesma edição foi publicado o ato oficial da União, por meio da Lei nº 3393/1917, que declarava estado de sítio¹¹ em todo o país até 31 de dezembro (*Actualidade*, 06 nov. 1917¹²), o que foi prorrogado por duas vezes até o fim de 1918. A guerra se impôs à Alemanha e aos alemães e seus descendentes.

A opressão e as perseguições aos alemães eram generalizadas. Nos jornais locais noticiava-se de forma expressa a exigência do respeito à nacionalidade brasileira com a utilização única e exclusiva da língua portuguesa. Muitas escolas de língua alemã foram fechadas naquele ano. Na edição do dia 13 de novembro de 1917, o jornal *Actualidade* publicou que em Vitória, no Espírito Santo, 14 escolas alemãs foram fechadas em razão das práticas estudantis em alemão, que não poderiam mais ser realizadas. Em Joinville, a Escola Alemã (*Deutsche Schule*), hoje Colégio Bom Jesus, teve suas atividades mantidas por pedido direto ao superintendente Abdon Batista e, durante alguns meses, ainda manteve suas portas abertas – isso desde que a escola contratasse mais professores que falassem português, conforme orientação do interventor Nereu Ramos. Além das escolas, as repartições públicas também tinham a obrigação do uso da língua portuguesa, conforme deliberação do superintendente, tanto que nos órgãos municipais eram afixadas placas com tal determinação, sob pena de demissão e/ou prisão – salvo pessoas que não sabiam falar português, mas que ainda assim deveriam procurar um intérprete (*Actualidade*, 13 nov. 1917).

Nesse período de guerra, a população em Joinville era de aproximadamente 20 mil habitantes, de acordo com os censos realizados pelos administradores da Colônia (FICKER, 2008) e o cenário de crescimento industrial e populacional de início de século que se tinha no município era representativo, se comparado com outras cidades do estado, apesar da represália ao povo alemão. Florianópolis, capital catarinense, não tinha a mesma expressão comercial e fabril que as cidades de Joinville e Blumenau, por exemplo. Um dos motivos era que a capital tinha dificuldade de acesso, o que só se fazia por travessia de barcos, lanchas e balsas.

A atividade comercial e industrial da região era a comercialização de erva-mate, produto muito consumido principalmente nas regiões do Rio da Prata (Argentina), Uruguai e Chile, que vinha para Joinville por meio da cidade de Morretes, no Paraná, onde foram estabelecidos seus engenhos. “A atividade ervateira se destacou até 1927, quando entrou

em declínio até desaparecer, já o setor madeireiro permaneceu com maior força. Estas atividades foram o carro-chefe da economia da fase inicial até as primeiras décadas do século XX.”, confirma Hoenicke (2007, p. 35). O beneficiamento da madeira e do mate, depois as indústrias de vela e tecidos e, posteriormente, a implantação de metalúrgicas, de acordo com Guedes (1992, p. 52), fizeram a cidade ter um crescimento populacional maior que o vegetativo.

O teatro, por estar localizado em área central da cidade, em frente à Praça da Bandeira, recebia diversas pessoas todos os dias, em razão do comércio central e da circulação habitual das ruas transversais. A pulsação do Centro podia-se sentir nos arredores do teatro, que além do uso cultural também detinha um quê de encontros sociais.

4 A grande inauguração

No dia 29 de novembro de 1917, estando o país em estado de sítio, o jornal *Actualidade* publicou, na seção de notícias locais, o dia e a hora da inauguração oficial do *Theatro Nicodemus*. Inauguração festiva que ocorreria em 23 de dezembro, às 4 horas da tarde (*Notícias...*, 1917). Assim, alguns dias antes da inauguração, em 18 de dezembro, aparece no jornal *Actualidade* uma propaganda de folha inteira do *Theatro Nicodemus* (fig. 5), anunciando “[...] chopp, bebida gelada, entrada livre, 8 horas em ponto! 1º espetáculo. Grandioso programa!” (*Theatro...*, 1917). Era a inauguração do *Theatro Nicodemus* na mídia joinvilense.



Figura 6: Propaganda da inauguração do Cine Palácio, em 18 de dezembro de 1917.

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville, jornal Actualidade, 2015.

A inauguração ocorreu no domingo, 23 de dezembro de 1917, à tarde, na presença de algumas autoridades, como o prefeito interino Dr. Arthur Costa (prefeito Adbon Batista – intendente), e com a apresentação da Banda de Música do Tiro 226. Na Sessão de Gala, à noite, houve o hasteamento da bandeira nacional e também a execução do hino nacional – fato ocorrido, provavelmente, porque em dezembro de 1917 o Brasil já havia entrado na Primeira Guerra Mundial, e o sentimento nacionalista se espreitava. Foram três dias de festa, nos quais o Theatro foi visitado por mais de 5 mil pessoas, numa Joinville cuja população total era de, aproximadamente, 20 mil habitantes (Gazeta do Commercio, 29 dez. 1917).

No mesmo dia da publicação da data em que seria feita a inauguração do Theatro Nicodemus, há diversas propagandas de outros salões culturais. Os clubes, sociedade de tiro e bocha, salões, os chamados *verein*, também publicavam os dias de seus encontros, com suas marcas e insígnias. O Salão Berner promoveria a festa de Natal das alunas da ginástica com baile; o Salão Hoffman, um grande concerto de Natal/Ano Novo e restaurante; o Salão Meier, o Salão Fischer, o Salão Emilio Schramm, o Salão Tauber, o Salão Krauze, o Salão Pirabeiraba e o Salão Schroeder, todos com concertos de Natal (Actualidade, 18 dez. 1917). Afinal, era antevéspera desta data comemorativa.

As propagandas dos salões culturais que estavam em plena atividade mostram a efervescência da vida cultural da cidade. Uma página inteira somente com eventos pré-natalinos, dos mais variados tipos e para todos os gostos. Além dos eventos que ocorreriam nos dias ali anunciados, ainda se publicava o valor da entrada, com diferenças entre os preços pagos pelos homens e pelas mulheres. Via de regra, homens pagavam mais do que mulheres, provavelmente pela ideia de que os senhores consumiam mais bebidas e comida do que as senhoras.

A inauguração do Theatro Nicodemus, no fim de 1917, contou não só com apresentações de teatro, pois como bem divulgado nos jornais locais, o espaço contaria também com atividades musicais, balé, dança, patinação e outros espetáculos beneficentes. Irma Richter (1998), na época da entrevista com 90 anos, lembrou dos bailes que ocorriam nos domingos à tarde: “Então tinha sempre no Palácio Teatro, domingos à tarde tinha Domingo Dançante. Uma parte era dançante, depois paravam e vinha o filme [...]” [informação verbal]¹³. No mesmo sentido, expõe Egon Beckmann (2001), falecido em 2012, em entrevista datada de 2001:

[...] Irei falar dos bailes carnavalescos, que eram tradicionais ali, a entrada era muito popular, barata e iam todos aqueles que não podiam ir para outras sociedades, e era público, não era sociedade. As pessoas se deslocavam através de bicicleta, a pé, e havia poucos ônibus. [...] quando tinha filmes bons, enchia de bicicletas, sendo até que Joinville começa a ser vista como a cidade das bicicletas. [informação verbal]¹⁴.

As falas de Egon Beckmann e Irma Richter mostram a vida social que ocorria no teatro e também em seu entorno, quando a maioria dos frequentadores se dirigia com suas bicicletas até a Praça da Bandeira e, de lá, ia à sessão de cinema ou, ainda, durante a época do Carnaval, divertia-se nos bailes, que tinham o valor de entrada mais popular em comparação com as sociedades e os clubes da cidade, onde apenas os sócios pagantes podiam adentrar.

5 Outra trama: discórdia, agitação e política

Joinville era a única cidade no nordeste catarinense que tinha um teatro de tamanha importância e capacidade de receber quase mil pessoas. Moradores de São Francisco do Sul, Jaraguá do Sul e arredores vinham para a cidade conhecer essa façanha da modernidade. A cidade de São Bento do Sul também tinha um cinema, conforme Annelise Ilse Mokross (2001)¹⁵ lembra, pois lá passava férias e aproveitava as matinês. Ela recorda ainda que o local era a diversão das pessoas que moravam no perímetro urbano, porque

quem morava no campo tinha muita dificuldade em chegar. Os que iam, muitas vezes chegavam de carroça e ainda eram obrigados a pernoitar, já que não conseguiam voltar à noite para casa.

Na figura 6 observa-se a saída de uma sessão de cinema à tarde, a conhecida *matinê*. Apesar da qualidade da imagem não ser das melhores, percebe-se a grande quantidade de pessoas – mulheres, homens e também crianças – deslocando-se a pé e de bicicleta a partir da saída do cinema, como bem lembrou Egon Beckmann¹⁶.



Figura 7: Saída da *matinê* de cinemas, décadas de 1920/1930.

Fonte: Acervo Arquivo Histórico de Joinville, pasta Theatro Nicodemus, 2015.

Os filmes exibidos nas telas do Theatro Nicodemus eram produzidos em sua maioria na Europa, especialmente os franceses e italianos, mas também, após a Primeira Guerra, havia películas norte-americanas, sem contar algumas brasileiras. As produtoras norte-americanas investiram muito após o fim da Primeira Guerra Mundial, quando os cinemas europeus estavam enfraquecidos devido às dificuldades do pós-guerra. Os filmes franceses eram líderes de audiência no início da guerra, mas, ao mesmo tempo, no início do século XX, o cinema estadunidense passou por uma radical industrialização, com alterações profundas na estrutura da produção dos filmes. Foi quando os próprios estúdios passaram a funcionar como fábricas de filmes e a indústria investiu na criação do *star system*, que seria a contratação e a publicização de atores e atrizes que se transformam em estrelas do

cinema (MARSON, 2009, p. 25) – o que se reflete até hoje, com os Estados Unidos sendo o maior produtor cinematográfico do mundo.

A infraestrutura cinematográfica na Alemanha e nos Estados Unidos foi constituída de forma distinta, porém, com características semelhantes. Afinal, foram estruturas planejadas não só tendo em vista o entretenimento das massas, mas também o objetivo de atuar como indústria de propaganda política de seus respectivos governos. Os sistemas de grandes estúdios foram os grandes concorrentes nas décadas de 1920 a 1940, tendo Hollywood como o modelo mais conhecido nos Estados Unidos e a Universum-Film AG (UFA), na Alemanha.

Ambos os estúdios, até 1933, atuavam sob determinados códigos de ‘bons valores’, que foram quebrados quando houve a entrada de uma ‘nova política’ preconizada por seus líderes, fazendo do cinema um baluarte dos princípios políticos, sociais, econômicos e culturais básicos dos governos de Hitler e Roosevelt (PEREIRA, 2005). A ‘nova política’ era a política nazista, que além de toda a consequência devastadora, também realizava um grande controle sobre o cinema, fazendo com que judeus, comunistas e pessoas consideradas inimigas do Estado fossem excluídos da cena cinematográfica. Na estética dos filmes alemães há a apresentação de ‘novos’ astros totalmente personificados na estética racial ariana, almejada pelos nazistas. No entanto, como o Brasil declarou guerra à Alemanha, os cinemas brasileiros praticamente não compravam mais as fitas alemãs, importando apenas filmes norte-americanos e de outros países que não fossem aliados aos nazistas. Esses filmes mostravam os inimigos da nação e grande parte das produções era voltada ao tema da guerra.

Annelise Ilse Mokross (2001)¹⁷ recorda que os filmes que ela assistia em Joinville sempre começavam com um *trailer*, que mostrava algo sobre o filme que estava por vir, e ainda um breve noticiário do que havia ocorrido durante aquela semana. Nesse noticiário eram exibidas personalidades, como por exemplo, na década de 1930, o presidente Getúlio Vargas, ou ainda eventos e fatos, como a construção de estradas, campanhas políticas e, às vezes, fotos e vídeos da Europa.

A imprensa e o cinema eram pensados, conforme entende o historiador Claudio Almeida (1999, p. 25), como agentes pedagógicos para o povo brasileiro. E os filmes exibidos no Theatro Nicodemus eram instrumentos de propaganda política de um regime autoritário e conservador. Este regime foi chefiado por Getúlio Vargas em busca da criação de um Brasil novo, e o projeto tido como inovador era o Estado Novo, inaugurado em 1937. O cinema era utilizado como um veículo para a família e para os amigos, onde as lideranças procuravam incutir nos expectadores os valores, os hábitos e os comportamentos que reforçavam os aspectos positivos da família, do casamento monogâmico, da moral burguesa

e cristã etc. Tais comportamentos eram os esperados pelo discurso modernista conservador do governo Vargas. Edgar Morin (1989, p. 73-95), no mesmo sentido, entende que o cinema, como forma de comunicação, agia integrado às organizações dos sistemas políticos da época. Esses sistemas observavam os desejos da população e os remodelavam a partir de atores e atrizes atuando como líderes políticos, estrelas de cinema, cantores e outros ídolos satisfazendo a necessidade da indústria cultural¹⁸.

No período após a Primeira Guerra Mundial e o início do governo Vargas (1930), a família Nicodemus¹⁹ não aguentou as exigências políticas (conchavos políticos das oligarquias) e a situação econômica do país (além da crise cafeeira) atrelada à recessão norte-americana. Assim, não havendo outra saída, vendeu o edifício do cinema para a família Van Biene e, conseqüentemente, veio a falir. Na imagem 7 observa-se a mudança de nome do edifício.



Figura 8: No frontão, acima das colunas, não aparece mais a gravação “Theatro Nicodemus”, que existia desde 1917, mas sim “Theatro Palácio”. Desde 1934 o local recebeu a denominação de “Palace Theatro” (ou “Theatro Palácio”) e, a partir de 1943, passou a “Cine Palácio”, 1940.

Fonte: Osório Candido Ferreira Jr., 2014.

Após a venda do edifício do cine a Alberto Van Biene, dono da Empresa Cinematográfica Van Biene S/A, o Theatro Nicodemus mudou de nome para Palace Theatro, não tendo mais motivos para vangloriar o seu antigo e primeiro dono.

De uma família de empreendedores, como era a de Nicodemus, que veio a falir, o edifício do cineteatro passou para as mãos da família Van Biene, que permaneceu na sua administração até meados da década de 1970.

6 Patrimônio e território

Toda a narrativa que se desenvolveu sobre Theatro Nicodemus de Joinville retoma memórias urbanas que extrapolam sua área diametral. Essas memórias dizem respeito à sua biografia histórico-cultural, o que Appadurai (2008) na realidade chama de *biografia cultural*. No entanto, observei a necessidade de acrescentar o aporte histórico à biografia cultural. Appadurai entende essa categoria analítica como uma “[...] história social das coisas, no decorrer de longos períodos de tempo e em níveis sociais extensos, que constrói coercitivamente a forma, os significados e a estrutura de trajetórias de curto prazo, mais específicas e particulares.” (2008, p. 54).

O antropólogo indiano trabalha com a perspectiva de mercadoria como sendo qualquer coisa destinada à troca, atribuída de valor. E essa atribuição ocorre a partir de um processo, que é a preocupação principal do autor. É nesse processo que os desejos, os sacrifícios, as demandas e os conhecimentos são engendrados (APPADURAI, 2008). Compreendendo, então, esses processos de circulação e, portanto, a sua atribuição de valores, depreendem-se os contextos sociais das coisas e, em consequência, a intencionalidade humana da vida social das coisas. A partir das ações e da afetação que geram agência, e desta forma, supõe práticas da atuação estatal ou dos agentes do campo.

Quando se recobrou a memória do lugar, de uma determinada sociedade local expressada num objeto de estudo que seria o Theatro Nicodemus, desde o início do processo de colonização da urbe, especialmente nos interstícios de sua inauguração até meados da década de 1930, o cotidiano dos imigrantes e, depois, dos migrantes e seus descendentes, sempre foi permeado por crenças e ritualizações de seus imaginários sociais, os quais tinham por base as lembranças e os fatos empreendedores ocorridos no passado europeu. Essas experiências extrapolaram o lugar através do tempo e da história para a nova vivência dessa gente na cidade ainda inexplorada, que aos poucos foi crescendo, transformando-se e criando a sua própria identidade. A identidade de Joinville, ou melhor, suas identidades múltiplas e complexas foram gradativamente evidenciando uma diversidade de aspectos imateriais e culturais na cidade. Gonçalves (2007) trabalha com essa noção de *construção cultural* que se faz sobre os objetos valorados por memórias. Muitos bens culturais materiais são associados a seus proprietários, e o edifício do antigo Theatro Nicodemus ficou como que com uma *alma* de cinema em sua representatividade simbólica, mesmo após o seu tombamento. Deslocar essa extensão moral e simbólica, circunscrita numa alma, entre a empresa de exibição cinematográfica e o edifício em si é tarefa das mais difíceis.

Por isso, tanto a degradação física foi ocorrendo com o passar das décadas quanto os usos que se fizeram do edifício do cineteatro nos leva a crer numa degradação simbólica em que a condição de arquitetura monumental remete a um período de glória da urbe e das peças teatrais, filmes exibidos e espetáculos encenados. E, de repente, por meio de um novo uso, o edifício caiu em decadência, por causa da desatualização tecnológica de seus aparatos, o levando para a exibição de filmes pornográficos; e depois, é novamente ressignificado, com um uso de cunho religioso, através da Igreja Universal. Esses novos usos e ressignificações atraíram um público mais popular, ofuscando as narrativas até então vigentes de uma memória com tom elitista do que seria Joinville.

Analisar nossa, ou melhor, minha própria cultura, já que sou nascida em Joinville, é um problema que Gupta e Ferguson (2000) chamam de uma relação entre “aqui e lá”, a partir da crítica cultural. Quando observei os jornais publicados na cidade do fim da década de 1910, percebi como essas publicações encarnavam uma cultura própria alemã. Afinal, um dos jornais do início do século XX era escrito em alemão (o *Kölonie Zeitung*), o que perdurou por 100 anos.

Mas a identidade cultural de um lugar deve ser pensada como uma produção que nunca se completa, e em Joinville não é diferente. Lembrando que, apesar de haver dinamismo cultural dentro dos grupos, há também silêncios. Desta forma posiciona-se Stuart Hall (2004), afirmando que a *identidade cultural não pode ser essencializada*. Ela precisa ser pensada com pontos de identificação e de sutura feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Mas nem tudo nos estudos de identidade é dinâmico e produção constante. Há silêncios, memórias omitidas, esquecidas, movimentos espetaculares de construção de imagem e de representação coletiva/social.

Nesse aspecto, Gupta e Ferguson (2000) podem auxiliar no entendimento das identidades desterritorializadas a partir dos processos e não das essências, já que aqui realmente os territórios geográficos tradicionalmente considerados não precisam, necessariamente, serem nomeados como uma nação (GUPTA e FERGUSON, 2000) ou como uma cidade geograficamente considerada. Afinal, não só refugiados, como é o caso dos palestinos e, mais recentemente, dos sírios e dos angolanos, são considerados desterritorializados. As pessoas que permanecem no território de seus antepassados e sentem a perda das tradições do lugar também podem assim ser avaliadas: como desterritorializadas.

No entanto, a ideia naturalizada de que um grupo deve estar associado a um território, a um lugar, ou ainda de que certos cidadãos devem estar associados a um território é questionada também por Anderson (2008). Em *Comunidades Imaginadas*, o autor

acredita que o nacionalismo é um artefato cultural criado pelo homem, não um objeto natural, portanto uma construção social.

Portanto, o território no campo do patrimônio pode ser visto como um lugar de disputas de grupos, da busca de permanência de uma identidade, de uma continuidade em correspondência entre os bens materiais e imateriais que por ali se encontram com a rotina da cidade. James Clifford (2007), nesse sentido, afirma que o patrimônio configura-se numa zona de contato e num gênero de conflito, pois viabiliza interações culturais entre diversos agentes separados pelo tempo ou pelo espaço, ao mesmo instante em que é um campo de tensões e relações de força entre diferentes universos de categorias de pensamento. Se de um lado o patrimônio permite uma série de atualizações da lembrança e interações transculturais e intertemporais, de outro, uma vez que um mesmo bem é passível de variadas leituras e interpretações, é sempre um *lócus* de embates entre diversos setores sociais, um campo de disputas, seleções e contínuas reconstruções.

Por isso, o tombamento, nesse caso instituído em 2003, estandarte jurídico de proteção destes representantes materiais das identidades, nem sempre será a melhor forma de salvaguardar esses patrimônios. Os discursos são múltiplos. Em vista disso, hierarquizar o capital cultural (BOURDIEU, 1992) dentro de determinado território é uma das características marcantes desse campo, qual seja, em escolher o que/qual memória será conservada.

No início do século XX, alguns moradores de Joinville, apesar de viverem e experienciarem esta cidade brasileira, sentiam-se ainda ligados à Alemanha ou a outros países de origem germânica. Sem esquecer de sujeitos que chegaram de outros países, de tradições diferentes da germânica, ou ainda os descendentes de indígenas ou de negros. Aqui estão os silêncios, a invisibilidade. O multiculturalismo é evidente, pois “[...] os imigrantes [...] usam a memória do lugar para construir imaginativamente seu novo mundo [...]” (GUPTA e FERGUSON, 2000, p. 36). E apesar da identidade não ser fixa, por ser um processo em constante construção, tem momentos de rigidez quando esta se anuncia, quando se posiciona perante o outro. É o que Hall (2004) chama de uma identidade posicional, por meio da qual se buscam estratégias e táticas escolhidas propriamente para conseguir direitos e reconhecimentos.

Considerações iniciais

Chegando ao fim da construção deste artigo, o que se pode averiguar nas entrevistas analisadas e nos jornais locais considerados é que o Theatro Nicodemus/Cine Palácio, objeto deste estudo, é perpassado por diversas significações de uso social e

econômico. O local era para ser inicialmente um teatro, mas tão logo foi inaugurado já se transformou em um cinema e em uma espécie de centro de eventos. Muitos anos se passaram até que o espaço do cinema entrou em decadência, sua imagem fez-se ruína e perdeu espaço para os *shopping centers*, onde há segurança estrutural, e para os televisores, videogames e videocassetes das residências, novas tecnologias. Mesmo assim, nos anos 2000 foi patrimonializado, especialmente após o engajamento dos estudantes de História que realizaram as entrevistas aqui mencionadas. Nas palavras de Le Goff (2003, p. 197), “o moderno tende, acima de tudo, a se negar e destruir”. O símbolo arquitetônico da modernidade em Joinville, o cinema de rua que viveu um ‘instante esplêndido’, como dizia a notícia dos anos 1920, envelheceu, mantendo apenas a imagem e as lembranças de um tempo passado. Hoje²⁰, o maior expoente de espaço de confraternização da cultura e do lazer do início do século XX foi ressignificado como lugar de culto.

Retomando as experiências das pessoas que participaram de alguma forma da construção da memória urbana do Theatro Nicodemus/Cine Palácio, há ainda possibilidade de manutenção da ideia de cinema de rua na cidade de Joinville. No entanto, somente na memória dos que viveram o passado, a partir de valores formais e afetivos²¹, tomando referências de Ulpiano Meneses (1999). Hoje, não mais. No presente em que vivemos, já não é possível ver o edifício como cinema. Há quem possa dizer que nem mesmo após a sua patrimonialização, mas isso é tema de discussão para futuros artigos.

Apesar de potencialmente ser considerado como um expoente da modernidade, e por sua monumentalidade arquitetônica, o edifício pode continuar a ser visto como patrimônio edificado significativo de um passado. No entanto, esvaziou-se dentro das transformações urbanas que aconteceram em Joinville. Portanto, sua grandiosidade construtiva, em meio à pulsação comercial do Centro, desfez-se por entre novas tecnologias, prédios contemporâneos e espelhados, maiores que ele próprio. Questionar-se sobre o que fica e o que se esvai dentre as transformações urbanas é tentar entender a lógica do singular para o global. E uma possível perda dos valores produzidos sobre este bem somente poderiam ser analisados como um maior aprofundamento, o que aqui já não há mais espaço.

Recebido em: 05/04/2017

Aprovado em: 02/02/2018

NOTAS

¹ Ora chamarei somente de alemã, ora somente de germânica. No entanto, é importante frisar que a identidade é aquela advinda de países europeus com tradição germânica (língua e costumes), como por exemplo: Alemanha, Suíça, Noruega, Dinamarca e Polônia.

² Conforme Flores (1997) em sua obra sobre a Oktoberfest, Joinville também participou desse período de criação de festas que homenageavam certas identidades, reafirmando tradições.

³ De meados de 1800 a 1950 chegaram 250 mil imigrantes germânicos ao Brasil (Website IBGE, 2016).

⁴ A dissertação de Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), do autor intitulada *Arquitetura dos cinemas: um estudo da modernidade em Santa Catarina*, pode nos auxiliar a entender a relação entre a arquitetura dos cinemas em Santa Catarina e a significação de um imaginário de modernidade nas cidades que abrigaram as principais salas no estado, bem como a construção de suas paisagens.

⁵ Entrevista concedida por MOKROSS, Annelise Ilse. *Annelise Ilse Mokross: depoimento* [set. 2001]. Entrevistadora: Norma Vailatti. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio. Mokross nasceu em 1936, era neta de Germano Stein, importante comerciante da cidade, que fazia o transporte marítimo entre Joinville e São Francisco do Sul.

⁶ Entrevista concedida por MEIER, Tirone. *Tirone Meier: depoimento* [set. 2001]. Entrevistador: Geovani Silveira. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio. Tirone Meier trabalhou no cinema na década de 1940 e foi um importante empresário na cidade, tanto que foi o fundador da Associação de Joinville e Região de Pequenas, Micro e Médias Empresas (Ajoorpeme), em 1984 – hoje com 2.100 empresas associadas.

⁷ Rodowicz-Oswiecimsky (1992, original 1853) foi quem publicou pela primeira vez esta separação das ruas (ou melhor, dos Caminhos, ou Picadas) em razão da nacionalidade das famílias e também lembra que o primeiro salão de baile era do Sr Aubé (Ibidem, p. 89).

⁸ Enquanto Norbert Elias trabalha com a ideia de ‘outsiders’, nesse mesmo sentido.

⁹ Joinville contava com uma igreja católica, uma luterana e uma loja maçônica desde os primeiros anos de sua fundação. Ainda que a maçonaria não possa ser considerada uma religião, tinha relação direta com as igrejas da região, recebendo adeptos de ambas as crenças em suas reuniões.

¹⁰ Os pedidos de naturalização foram suspensos até o fim do estado de sítio. A criação de campos de concentração era indicada na lei como medida em face dos cidadãos dos Impérios Centrais. No entanto, não há registros de ter havido a instalação de campo de concentração na cidade de Joinville na Primeira Guerra, porém, há o registro de dois durante a Segunda Guerra Mundial (A Notícia, 12 nov. 2014).

¹¹ O estado de sítio, noticiado no periódico, teve origem a partir dos atos contra navios brasileiros, o vapor Paraná e o navio Tijuca, que foram torpedeados supostamente por submarinos alemães em meados de abril e maio de 1917. O jornal anunciou: “No dia de hoje, 2 navios brasileiros foram torpedeados por navios alemães” (*Kölonie Zeitung*, 05 mai. 1917). Até aquele momento, a marinha brasileira vinha cumprindo as exigências internacionais ditadas para os países neutros. Nos meses seguintes aos eventos com os navios brasileiros, o então presidente Wenceslau Brás confiscou mais de 40 navios austro-húngaros e turcos em mares brasileiros, como forma de indenização às perdas sofridas com o Paraná e o Tijuca. O estado de sítio declarado era mais um ato de represália contra os “inimigos alemães” que estivessem em território brasileiro.

¹² A partir daquele dia (06/11/1917), ficou proibida a publicação de qualquer jornal em língua alemã. Então, como consequência a tal ato, foi suspensa a circulação do jornal *Kölonie Zeitung*, substituído pelo jornal *Actualidade*, distribuído nas terças e quintas-feiras, exclusivamente em língua portuguesa. Era o período em que o Brasil declarou guerra aos Poderes Centrais (Império Alemão, Áustria-Hungria e Itália). E devido às pressões provocadas pela Primeira Guerra, o *Kölonie* rompeu pela primeira vez a tradição de ser editado em língua germânica. Por quase dois anos – de 06 de novembro de 1917 a 21 de agosto de 1919 – o jornal circulou em português para facilitar a aceitação do periódico e evitar o enalço do governo, que não via com bons olhos a imprensa estrangeira.

¹³ Entrevista concedida por RICHTER, Irma. *Irma Richter: depoimento* [11 out. 1998]. Entrevistadora: Janine Gomes da Silva. Joinville (SC), Ancianato Bethesda: Rua Cons. Pedreira, 624 - Pirabeiraba, 1998. Estava presente na entrevista Arselle de Andrade da Fontoura. Obs.: Com Termo de Doação para o Laboratório de História Oral/UNIVILLE com cópia para o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ).

¹⁴ Entrevista concedida por BECKMANN, Egon Max. *Egon Max Beckmann: depoimento* [2001]. Entrevistadora: Tatiane Waltrick. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio. Beckmann faleceu em 2012, era meu tio-avô, foi representante comercial por muitos anos e era neto de Adolfo Beckmann, dono de um dos primeiros hotéis da cidade, o Hotel Beckmann.

¹⁵ Entrevista concedida por MOKROSS, Annelise Ilse. *Annelise Ilse Mokross: depoimento* [set. 2001]. Entrevistadora: Norma Vailatti. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita

no Processo de Tombamento do Cine Palácio. Nasceu em 1936, era neta de Germano Stein, importante comerciante da cidade, que fazia o transporte marítimo entre Joinville e São Francisco do Sul.

¹⁶ Entrevista concedida por BECKMANN, Egon Max. *Egon Max Beckmann: depoimento* [2001]. Entrevistadora: Tatiane Waltrick. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

¹⁷ Entrevista concedida por MOKROSS, Annelise Ilse. *Annelise Ilse Mokross: depoimento* [set. 2001]. Entrevistadora: Norma Vailatti. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio. Nasceu em 1936, era neta de Germano Stein, importante comerciante da cidade, que fazia o transporte marítimo entre Joinville e São Francisco do Sul.

¹⁸ Expressão especialmente significativa à Escola de Frankfurt (Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt). Os nomes que se vinculam a esta escola são os de Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer e ainda Jürgen Habermas. Estas pessoas formaram um grupo coeso e em suas obras encontra-se um pensamento dotado de maior unidade teórica. A escola tinha uma postura crítica e aberta aos problemas da cultura do século XX. À Adorno reflete-se o pensamento sobre a indústria cultural e a função da obra de arte. Para o autor, pelo cinema ser nada mais do que negócios, basta-se como ideologia. Assim como negócios, seus fins comerciais são realizados por meio da sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Esta exploração é o que Adorno vai chamar de indústria cultural, que vem substituir a ideia de cultura de massa (BENJAMIN, et al., 1980).

¹⁹ Após a morte de Nicodemus, o dinheiro da venda foi distribuído entre os irmãos, conforme conta Gertrudes Nicodemus (2001) – e ela foi morar em São Bento do Sul (SC).

²⁰ A partir da década de 1990, ainda foi iniciada a construção de outros teatros, como o Centventos Cau Hansen, com o Teatro Juárez Machado, em 1998.

²¹ Valores afetivos referem-se à identidade e memória local, com influência normalmente de personalidades da cidade. No caso do edifício do Cine Palácio, a referência seria à família Nicodemus, aos construtores e arquitetos Keller e à família Van Biene.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudio Aguiar. *O cinema como “agitador de almas”* - Argila, uma cena do Estado Novo. São Paulo: Annablume, 1999.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, Arjun. Mercadorias e a política de valor. In: *A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008. p. 15-87.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: AL., A. E. *Teoria da cultura de massa*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. P. 211-254.

_____. HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. Trad. José Lino Grunnewald et al. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. URFJ, 2007.

COELHO, Ilanil. *Pelas tramas de uma cidade migrante*. Joinville: Editora da Univille, 2011.

FCJ. *Processo de Tombamento FCJ/CPC nº 2002-001 A-F do Cine Palácio*. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 8 volumes, 2002.

FICKER, Carlos. *História de Joinville: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca*. 2a ed. Joinville: Letra D'água, 2008.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Coleção Teses - volume III. Florianópolis: Livraria e Editora Obra Jurídica Ltda., 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, IPHAN, 2007.

GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo. *Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville*. Joinville: Editora da Univille, 2001.

_____. *História de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2005.

_____. *O exercício da arte de curar: o exemplo do Hospital São José de Joinville, 1852-1952*. Ed. São Paulo: USP, 1992.

GUPTA, Akhil.; FERGUSON, James. Mais além da "cultura": espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. Cap. 2, p. 30-49.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HERKENHOFF, Elly. *Joinville: nosso teatro amador 1858-1938*. Joinville: Arquivo Histórico de Joinville, 1989.

HOENICKE, Nielzete Farias. *O Distrito industrial de Joinville/SC (1975-2007): análise crítica e propositiva*. Orientador: Dr. Carlos Eduardo Zahn. Ed. São Paulo: FAUUSP. USP, 2007.

KALB, Christiane Heloisa *Do instante esplêndido à decadência: Patrimonialização e judicialização do Cine Palácio de Joinville* / Autora; orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores; coorientadora, Alicia Norma Gonzalez Castells. - Florianópolis, SC, 2017.

LE GOFF, James. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

MARSON, Melina Izar. *Cinema e políticas de Estado: da Embrafilme à Ancine*. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os 'usos culturais' da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. D. C. A. D. (Org.) *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2a ed. São Paulo: Hucitec, p.88-89, 1999.

MORIN, Edgar. *As Estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MUNARIM, Ulisses. *Arquitetura dos cinemas: um estudo da modernidade em Santa Catarina*. 386f. 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

NIEHUES, V. D. *De agricultor a operário: lembranças de migrantes*. Dissertação de Mestrado em História, Florianópolis, 2000.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. O Poder das imagens: Cinema e propaganda política nos governos de Hitler e Roosevelt (1933 - 1945). Seminário temático “Dimensões políticas do audiovisual: guerra, revolução, propaganda e lutas sociais” do *XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz*, baseou-se na pesquisa Dissertação de Mestrado “Guerra das Imagens: Cinema e Política nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945)”, orientada pela Prof. Dra. Maria Helena Rolim Capelato e defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), em 2003; ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

RIEGL, Alois. *Culte moderne des monuments*. Sonessence et as genése. Paris: Seuil, 2002.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. *A colônia Dona Francisca no Sul do Brasil* (trad. em português de Julio Chella do original em alemão, de 1853). Joinville: Editora da UFSC/FCC, 1992.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade-étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

WEBSITE IBGE. Disponível em: www.ibge.gov.br/ Acesso em: jun 2016.

ENTREVISTAS:

BECKMANN, Egon Max. *Egon Max Beckmann*: depoimento [2001]. Entrevistadora: Tatiane Waltrick. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

MEIER, Tirone. *Tirone Meier*: depoimento [set. 2001]. Entrevistador: Geovani Silveira. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

MOKROSS, Annelise Ilse. *Annelise Ilse Mokross*: depoimento [set. 2001]. Entrevistadora: Norma Vailatti. Joinville: Univille, 2001. Arquivocine.mp3. Entrevista concedida ao Projeto Cine Palácio: Fragmentos da história do cinema em Joinville, da Univille. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Processo de Tombamento do Cine Palácio.

RICHTER, Irma. *Irma Richter*: depoimento [11 out. 1998]. Entrevistadora: Janine Gomes da Silva. Joinville/SC, Ancianato Bethesda: Rua Cons. Pedreira, 624 – Pirabeiraba, 1998. Obs.: Estava presente na entrevista Arselle de Andrade da Fontoura. Obs.: Com Termo de Doação para o Laboratório de História Oral/UNIVILLE com cópia para o Arquivo Histórico de Joinville.

FONTES

Kölonie Zeitung - janeiro de 1917 a março de 1919

Gazeta do Commercio - janeiro de 1917 a dezembro de 1919

Jornal Actualidade - novembro de 1917 a agosto de 1919

Jornal A Notícia - década de 1990 a partir de indicação do Arquivo